

REDACÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO
ADMINISTRAÇÃO
Rua Infante D. Henrique, 27 e 33
(CASA BRITO & SOUSA)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS
Ano ..12\$00 Semestre...6\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANÚNCIOS
Linha (corpo 12)... 1\$00
Repetição... \$50
Comunicados — linha... \$70
Anúncios permanentes, contra-
cto especial.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR—João de Sousa (Mário Silveira)

ADMINISTRADOR—Avelino Gomes de Sousa

PROPRIEDADE da Empresa da 'ACÇÃO SOCIAL'

Acima de tudo, a Igreja

18 DE ABRIL

Os grandes "frissons," da actualidade

Disse o delegado da Tcheco-Slovaquia ao Congresso Internacional Católico de Oxford—Mgr. Hanus—que «nós, os católicos, devemos trabalhar para nossa salvação com a certeza de que o triunfo da Igreja não depende do Imperio, da Monarquia ou da Republica».

O illustre Bispo de Bragança, que está publicando nas «Novidades» notáveis artigos de refutação ao opusculo publicado pelo sr. dr. Alfredo Pimenta contra o Centro Católico e as instruções do Episcopado,—artigos a que se tem referido neste semanario o nosso illustre colega V. A.—diz, interpretando um texto do sabio Pontífice que foi Leão XIII, que—«os católicos devem opor-se ás instituições prejudiciais á religião, esforçando-se por fazer penetrar nelas e nas leis a virtude do Evangelho» — acrescentando:—«E como o destino dos Estados depende principalmente das disposições dos homens que estão á frente do governo, os católicos devem empenhar-se porque não ocupem esse lugar, senão os homens de ideias sãs e animados de boas disposições para com a religião».

«Ora tudo isto, (comenta o illustre Bispo), é o que intenta o Centro Católico, não dando ás formas de governo maior importancia do que o sapientissimo Pontífice».

Está esta doutrina de perfeito acordo com o que aqui vimos escrevendo, guiados pelo intuito de pôr bem a claro o pensamento, objecto e fim do Centro Católico Português, de dizer que ele pretende, sobretudo, servir a causa da Igreja e ao mesmo tempo a causa da Patria, exercendo, por ele, os católicos, a sua acção politica, no sentido de o parlamento e o poder publico serem constituídos por homens de ideias sãs e de boas disposições para com a religião.

Não é votando ás cegas, que os Católicos contribuem para o bem estar da Igreja. Não é votando

em nomes de pessoas que desconhece, que os católicos fazem com que o poder publico seja exercido por homens de boas e laias intenções.

Quem deve indicar aos católicos os nomes dos candidatos que melhor possam servir a causa da Igreja, se não aquele organismo que tem a aprovação da mesma Igreja e que está sendo orientado por Ela?

Evidentemente que os católicos devem guiar a sua acção eleitoral por forma a não contrariarem, mas antes favorecerem, o espirito da mesma Igreja. Sobretudo, não guerrearem, mas antes favorecerem pelo seu voto e pela propaganda em seu favor, os candidatos que o organismo da Igreja no terreno politico, apresente ao sufragio dos eleitores. E como esse organismo da Igreja no terreno politico é o Centro Católico,—é a este que compete dizer aos católicos quem é merecedor dos seus votos e da sua propaganda.

Certamente que o Centro não vai disputar a maioria dos postos parlamentares—e por isso haverá lugar para que todos satisfaçam os seus proprios desejos. Entretanto, convem desde já acentuar que nenhum católico, seja porque motivo ou razão fôr, deve desprezar os candidatos do Centro para favorecer os que lhe são contrarios. Não deve, ainda, contribuir de nenhum modo, para a eleição de candidato ou candidatos que se hajam manifestado contrarios á religião católica e liberdades da Igreja.

Seja porque motivo ou razão fôr, repetimos.

Primeiro, satisfaçamos á nossa consciencia de católicos, fazendo eleger o candidato ou candidatos aprovados e recomendados pela Igreja; e, em segundo lugar, podemos satisfazer a nossa paixão politica, influindo para que os restantes candidatos a eleger sejam os do partido que nos merece simpatia—mas nunca, em nenhum caso, se esse candidato ou candidatos

Ha trez semanas, pelo menos, que se veem debatendo, perante o tribunal militar que foi constituído para esse efeito, o julgamento dos factos ocorridos, antes e depois do movimento militar que teve a sua eclosão no dia 18 de Abril do corrente ano, e que foi chefiado pelos srs. Filomeno da Camara e Raul Esteves.

Tem-se afirmado que esse movimento foi organizado, preparado e levado a efeito, com o conhecimento, se não da totalidade, pelo menos da maioria dos comandantes e officiais dos corpos da guarnição da capital, muitos dos quais se pronunciaram nesse sentido.

Produziram sensação as declarações prestadas ao tribunal militar pelos dois chefes do movimento, comandante Filomeno da Camara e coronel Raul Esteves, e ainda as do general Sinel de Cordes, nomes que o paiz conhece de sobejo e que se ergueram, nas suas declarações, á altura dos homens de fé e de honra.

Nem estes distinctissimos officiais, nem aqueles que tomaram parte activa no movimento, engeitaram responsabilidades, assumindo-as todas e todos com aquela nobresa que é uma afirmação do character e do patriotismo.

O sr. Raul Esteves afirmou que o movimento era conhecido de todas as auctoridades e que preveniu varios ministros e generais da sua necessidade, para que Portugal fosse uma coisa diferente do que é. O proprio comandante da Divisão, que era o sr. general Adriano de Sá, estava inteirado do que ia passar-se.

A razão porque não vingou o movimento militar do 18 de Abril, devem-na os officiais que nela tomaram parte ao facto de não se terem efectivado as promessas e compromissos tomados por aqueles seus camaradas que lhe declararam acompanhar o movimento—e a essa palavra faltaram.

E' o que resulta do que havemos lido das declarações prestadas ao tribunal militar.

Com justificada anciedade se aguarda a conclusão deste sensacional julgamento, que tanto interesse tem despertado no paiz.

do partido da nossa simpatia fôr inimigo da nossa religião. Seria um crime de traição á Igreja, se com os nossos votos e com a nossa influencia, conseguisse triunfar um inimigo da nossa consciencia. Acima de tudo, a Igreja.

Mário Silveira

A avidez inata de fortes sensações. Sinais dos tempos. Prognósticos alarmantes. Alarmar?... Não! ✕

Nas *Novidades* de 15 de março passado li já uma apreciação, por sinal muito ponderada e sensata, acerca do livro sensacionalissimo *Sinais dos tempos*, aparecido quasi misteriosamente no mercado literário em principios deste ano.

O assunto do livro, que é d'uma excepção transcendência e que o crítico das *Novidades* extractou d'uma forma tão expressiva; a alta competencia que o jornalista revela na matéria delicadissima do livro (o fim do mundo e os fenómenos e epifenómenos sociais, politicos, telúricos e cósmicos que hão de preceder e acompanhar este desenlace final da história da humanidade); e ainda paralelamente o interesse e afan com que depois da grande guerra se vem cuidando e escrevendo de *Sionismo*: tudo isto me determinou logo a que recortasse a curiosa e impressionante notícia, como recortei e arquivéi.

A isto acrescia a circunstância de serem as *Novidades* o único diário genuinamente católico da capital, agindo sempre, docil, sob as vistas e direcção da autoridade eclesiástica, unica competente na matéria, profundamente religiosa, versada pelo livro. Era mais um titulo de valor, a recomendar o referido juizo crítico.

Afastando-me do referido commentário.

A vasta matéria desenvolvida profusamente nas 413 paginas do *Sinais dos Tempos* comporta a divisão em duas partes principais: A 1.ª abrangendo em geral o que se refere aos sinais e fenómenos que precederão e acompanharão a consumação das coisas; a 2.ª abrangendo o que respeita em especial a um desses sinais ou pródromos, isto é, o *império universal* cristão, ou quinto império, que na opinião d'alguns será português, ou português-judeu.

Quanto á 1.ª parte têm apparecido inumeros commentadores, chegando ás conclusões e predições mais extravagantes e variadas; segundo muitas das quaes, se fossem verdadeiras, o mundo já teria acabado vezes sem conta... E neste ponto não são apenas as opiniões dos exegetas dos textos bíblicos; são também as conjecturas deduzidas das teorias ou dados scientificos, segundo os quaes o universo teria de acabar pela estagnação final da energia n'um estado limite de equilibrio estavel (inanição, morte sideral), apuram alguns; por cataclismos cósmicos, resultantes de encontro da terra, por ex., com um volumoso corpo sideral, mesmo opaco, que pelo calor do choque a volatilizará, alvitram outros; por simples cataclismos telúricos, como fossem, por ex., a actividade violenta e simultânea dos 300 e tantos vulcões espalhados á superficie do glóbo, agravada, ou não, de enormes transformações da crósta terrestre, pensam outros...

Quando á terminação da vida sobre a terra, por via natural, explicam-na ora pela erosão e corrosão de todos os continentes pelas águas (Laparent, que dava para isso um máximo de 4½ milhões d'anos) ora pela enorme queda da temperatura solar e por conseguinte telúrica, ora pela absorção das aguas e da atmosfera pela crósta, cada vez mais espessa e resequida, da terra (caso actual na lua), etc...

A 2.ª Parte, o *quinto império*, também não é matéria inteiramente nova. Entre os que a tinham tratado, ocupa lugar proeminente, pela sua estatura intellectual e primacial relevo literário, o incomparavel e immortal Vieira. Tratou-a na *Defesa do Quinto Império* e no *Clavis Prophetarum*. O imminente jesuita e grande português reportando-se a profecias bíblicas e dizes de S. Malaquias (Papa) S. Isidoro, S. fr. Gil, S. Bernardo, Bandarra, e outros, que falavam do *Quinto Império* em geral, éle procurou reivindicar para rei português essa prerrogativa, fundando-se na célebre profecia ou palavras de Cristo a Afonso Henriques, principalmente naquella parte—*volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire*. Concretizando, ele punha em primeiro lugar a opinião comum «d'el rei D. Sebastião, e todos os fundamentos que tinha, e no segundo a el-rei D. João IV, pela estimação também comum com que na restauração do reino foi reputado pelo verdadeiro *encoberto*...» (Da *Defesa do Quinto Império*). Mais tarde foi denunciado á Inquisição (instrumento nas mãos do poder real) e sofreu-lhe a perseguição, não só por ter defendido os *cristãos novos*, mas também e mais ostensivamente por n'uma carta, dirigida á rainha viuva, ter affirmado que D. João IV, já falecido, ressuscitaria, visto ter, pelas profecias, de fundar o *Quinto Império*. Aberrações d'um grande espirito, filhas da sua muita credulidade e dos preconceitos da época!

Alarmar?... Não! O exposto já nos faz vêr como o assunto é delicadissimo e transcendente; e como espíritos aliás cultissimos, versadissimos nos livros santos e d'uma acuidade genial se iludiram tão facilmente. Que admirar pois que isso suceda também a *Lusitanus*, autor do *Sinais dos Tempos*, mesmo que seja «um distincto e erudito sacerdote... alma de apóstolo, interessando-se pela felicidade dos seus semelhantes e todo entregue ao serviço do Senhor...» como diz o crítico das *Novidades*, que parece devisa-lo a través o pseudónimo?

O mesmo *Lusitanus* o deixa transparecer, quando na obra confessa que aquilo são modestos pareceres, modos de ver seus.

Convem mesmo notar que a obra não traz o *imprimatur*, si-

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE = RUA D. ANTONIO BARROSO = BARCELOS

TIPOGRAFIA *oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.*

ENCADERNAÇÃO *oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.*

PAPELARIA *vendas por junto e a retalho, de papeis, de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritório.*

NOVA PADARIA

A Panificadora, Limitada

Rua Infante D. Henrique

Estabelecimento ótimamente montado, obedecendo a todas as condições hygiénicas, de asseio e limpeza. Fabrico de todos os tipos de pão fino e semias, para o que tem pessoal habilitado.

Fabrico especial de PÃO DOCE

Experimentem e confrontem, para preferirem esta **NOVA PADARIA**, que prima em bem servir o publico.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS DE JOÃO DE SOUSA

Rua D. Antonio Barroso, 13 e 15
BARCELOS

Grande sortido de casimiras, cheviotes e picotilhos, proprios para fatos e sobretudos.
Flanelas e casimiras pretas para fatos.
Variado sortido de tecidos para vestidos de senhora.
Cotins, riscados, flanelas, fantasias, cassas, fustões, armures, chales pretos e de côr, etc., etc.

Completo sortido em miudesas
PREÇOS SEM COMPETENCIA

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & SOUZA

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,